

**BRASIL OLÍMPICO E O DESEMPENHO EM LONDRES 2012:
UM ESTUDO ATRAVÉS DA MÍDIA**

**BRASIL Y LA ACTUACIÓN OLÍMPICA EN LONDRES 2012:
UN ESTUDIO A TRAVÉS DE LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN**

**BRAZIL AND OLYMPIC PERFORMANCE IN LONDON 2012:
A STUDY THROUGH THE MEDIA**

Silvestre Cirilo Santos Neto*
silvestrecirilo@yahoo.com.br

Lamartine Pereira DaCosta**
lamartine@terra.com.br

Flávia da Cunha Bastos***
flaviacb@usp.br

Rômulo Meira Reis*
romuloreis@bol.com.br

Carlos Henrique de Vanconcellos Ribeiro*
c.henriqueribeiro@ig.com.br

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Grupo de Estudos Olímpicos, Rio Janeiro - Brasil

** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - Brasil; University of East London, Londres - Inglaterra

*** Universidade São Paulo, S. Paulo - Brasil

Resumo Resumen Abstract

O foco do esporte mundial está voltado para o Brasil por conta da realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016. A tradição do país sede em galgar melhores resultados diante de sua torcida leva os gestores a pensar em artifícios que concretizem o que foi planejado. O objetivo geral é compreender o enfoque midiático acerca da gestão esportiva Olímpica nacional. Com abordagem qualitativa e pesquisa bibliográfica, utilizaram-se os jornais O Globo e Correio Braziliense para a presente análise. Concluiu-se que a gestão esportiva em questão está voltada para a obtenção de resultados em detrimento ao desenvolvimento esportivo de longo prazo.

PALAVRAS CHAVE: Gestão Esportiva; Resultado; Londres 2012.

...

Brasil está en el foco de los atletas de todo el mundo, debido a la realización de los Juegos Olímpicos de 2016. La tradición del país de acogida para los mejores resultados subir antes de su aparición lleva a los gerentes a pensar en los dispositivos que realizan lo que estaba previsto. El objetivo global es entender la atención de los medios sobre la gestión nacional de los deportes Olímpicos. El uso de un enfoque cualitativo y la literatura, que se utiliza el diario O Globo y CorreioBraziliense para esta revisión. Se concluyó que la gestión deportiva en cuestión se centra en el logro de resultados en 2012 en lugar del desarrollo deportivo en largo plazo.

PALABRAS CLAVE: Gestión Deportiva; Resultados; London 2012.

...

The focus of the sports world is facing Brazil due to the achievement of the 2016 Olympic Games. The tradition of the host country for best results climb before his appearance leads managers to think of devices that realized what was planned. The aim is to understand the media focus on the national Olympic sports management. Using a qualitative approach and literature, used the newspaper O Globo and Correio Braziliense for this review. It was concluded that the sports management in question is focused on the achievement of results in 2012 over the long term athletic development.

KEYWORDS: Sports Management; Results; London 2012.

Introdução

Os estudos sobre gestão esportiva voltada à busca de resultados entre nações tem revelado que o tema é tratado de forma simplória através dos níveis financeiros atingidos pelo Produto Interno Bruto (PIB) e o quadro de medalhas, fazendo com que se sobressaia a ideia errônea de que países desenvolvidos economicamente são aqueles que têm mais potencial para se destacar no cenário esportivo mundial (De Bosscher, Bingham, Shibli, van Bottenburg, & De Knop, 2008; Shibli & Bingham, 2008). Nessa linha de ação, há estudos que abordam fatores relevantes aos resultados conquistados pelas nações, destacando-se: De Bosscher et al. (2008), que relatam nove pilares que devem ser observados, divididos em três níveis: a) Macro: engloba o contexto social e cultural e não pode ser influenciado; b) Meso: são as políticas voltadas ao setor; c) Micro: é o ambiente pessoal do atleta. Green e Oakley (2001) que, a partir de estudos baseados nas potências olímpicas, chegaram a dez fatores que envolvem desde a sistematização esportiva local até o planejamento para quando o atleta encerrar sua carreira esportiva.

Dessa forma, percebe-se que o planejamento esportivo parece estar atrelado a uma questão maior, da ordem das políticas governamentais, sendo, inclusive, tratado como estratégico, englobando investimentos permanentes e, conseqüentemente, com horizontes voltados ao longo prazo. No caso brasileiro pode se dizer que essa lógica não aplicada, bastando observar o desempenho na conquista de medalhas na última edição dos Jogos Olímpicos (London 2012, 2012) e ao longo da história desse evento. Tal fato torna-se ainda mais evidente com a proximidade dos Jogos Olímpicos Rio 2016, e com o Brasil na vitrine mundial como país anfitrião, à medida que a mídia brasileira tem destacado a importância do Brasil, via autoridades políticas e esportivas, em não apenas ser o país-sede, o organizador, mas também um país que obtenha destaque em termos de resultados que façam suscitar uma relação entre desempenho e orgulho nacional (Hong, 2008; Hong, Wu, & Xiong, 2008).

Neste contexto, a pergunta do presente estudo é: Como a mídia retratou a gestão do esporte no período dos Jogos Olímpicos de Londres 2012? O objetivo do estudo foi o de analisar a gestão do esporte ligada ao desempenho do Brasil em Londres 2012.

Metodologia

O presente estudo apresenta um delineamento qualitativo, descrita por Silva e Menezes (2001, p.20), como “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Para a sua construção utilizou-se a pesquisa bibliográfica, pois foi desenvolvida com base em material já elaborado e de fonte secundárias (Gil, 2002; Marconi & Lakatos, 2010). Dessa forma, selecionaram-se os jornais O Globo e Correio Braziliense (o primeiro sediado no Rio de Janeiro, sede da próxima edição do evento e, o segundo, sediado em Brasília, capital do país), no período compreendido entre 28 de julho a 13 de agosto de 2012 (um dia após a abertura e o encerramento dos Jogos), cobrindo o período de realização dos Jogos Olímpicos de Londres 2012.

Os critérios de inclusão foram relacionados às matérias que abordassem a temática gestão do esporte. Utilizou-se a análise de conteúdo como base para a leitura. Para Bardin (2010, p.44) define esta análise como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens”. A categorização ocorreu pela similaridade e foi definida previamente: planejamento, investimento e resultados.

Das nove matérias selecionadas, cinco são do jornal O Globo e quatro, do jornal Correio Braziliense, sendo uma referente à capa do caderno Super Esportes. Essas reportagens concentraram-se nos dias 12 e 13 de agosto, nos últimos dias dos Jogos de Londres e com o número de medalhas ganhas já consolidado, demonstrando o sucesso ou o fracasso das nações envolvidas na disputa. A escolha da mídia como relato do desempenho Olímpico brasileiro se deu por conta dela ser capaz de influenciar a opinião pública e, concomitantemente, influenciar a entrada ou não de um assunto na sua própria agenda, o que poderá levá-la à agenda política e, posteriormente, a agenda formal, quando o tema merece atenção das autoridades públicas e consequentes soluções, efetivas ou não, para o problema enfrentado (Secchi, 2010).

Resultados e Discussão

Com o fim dos XXX Jogos Olímpicos e início do ciclo Olímpico Rio 2016, a mídia brasileira acompanhou atentamente toda a movimentação do esporte olímpico no país. As entidades oficiais foram cobradas pelos resultados que vieram ou, por uma ótica pessimista, pelos resultados que não vieram. O Superintendente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Marcus Vinícius Freire, afirma que, para que o Brasil chegue entre os dez melhores nos Jogos Olímpicos de 2016 será necessário um investimento nos esportes individuais (Ohata & Rangel, 2012), tais como a canoagem, o ciclismo BMX, o boxe e a ginástica. Ceccon (2012) citou a fala de Freire, para quem “os brasileiros, tradicionalmente, gostam dos esportes coletivos. Não vamos abrir mão dessas modalidades, mas o foco será nos esportes individuais, que distribuem um maior número de medalhas”, sugerindo um direcionamento a partir do *mix* de esportes a serem trabalhados no Ciclo Olímpico Rio 2016 e, em nenhum momento faz menção às áreas que deveriam receber investimentos para que se chegue ao

pódio em 2016. Posto isso, perguntamos se a tentativa de alcançar um ranking melhor seria uma forma de planejamento.

Ressalta-se que o Brasil é mundialmente conhecido como o país do futebol e, em se tratando de Jogos Olímpicos, esportes coletivos como o voleibol e o basquete, com 19 e 5 medalhas, respectivamente e, individuais, como o judô (19 medalhas), a vela (17 medalhas), o atletismo (14 medalhas) e a natação (13 medalhas) são os destaques se considerarmos todas as participações brasileiras em Jogos Olímpicos desde 1920 (Rodrigues, 2012).

Percebemos que independente dos resultados a serem conseguidos ou não, é uma tarefa de longo prazo produzir atletas de nível olímpico. Um exemplo da questão temporal pode ser observado através da mudança da política esportiva no Reino Unido, principalmente a partir de 2005, quando Londres foi escolhida cidade sede dos Jogos Olímpicos de 2012 (Grix & Carmichael, 2012) e, essa política pôde ser percebida com mais veemência. No entanto, segundo De Bosscher et al. (2008) as mudanças iniciaram-se para este país a partir do desempenho de suas equipes nos jogos de Atlanta 1996, no qual o Reino Unido obteve apenas 15 medalhas, sendo uma de ouro, oito de prata e seis de bronze, e ficou na trigésima sexta colocação no quadro geral de medalhas (Cardoso, 2000), culminando nas 65 medalhas conquistadas em 2012 através de 19 modalidades (London 2012, 2012) e, tal feito teve início com a adoção do *World Class Performance Program*, em 1997, por parte das autoridades públicas britânicas. Os autores compreendem que a partir daquele momento foram realizados investimentos e um planejamento estratégico que previa a melhora através do acesso a treinadores de experiência internacional, medicina e ciência esportiva, equipamentos esportivos específicos para cada modalidade e a disputa de campeonatos de nível internacional (De Bosscher et al., 2008; Shibli, Gratton, & Bingham, 2012).

Por outro lado, o Brasil, a apenas quatro anos de sediar a maior competição do planeta e, com o objetivo de ficar entre os dez melhores no quadro de medalhas, conforme relatado pelo COB e Ministério dos Esportes, somente nesse ano de 2012 buscou lançar o seu planejamento voltado aos Jogos Olímpicos Rio 2016, batizado de Plano Medalhas Brasil 2016 (Ceccon, 2012; Rodrigues, 2012). Quando comparado com a gestão feita pelo Reino Unido, observa-se um atraso de 12 anos na formulação dessa política esportiva voltada ao alto rendimento no Brasil, visando os Jogos Olímpicos Rio 2016.

Em relação ao planejamento, percebeu-se uma divergência interna no COB, por parte do consultor americano contratado Steve Roush e, o superintendente executivo Marcus Vinícius Freire. Enquanto o primeiro relata que o foco deve voltar-se aos atletas finalistas e, que esse número de atletas deve ser uma crescente em relação à edição imediatamente anterior dos Jogos, o que seria uma demonstração contundente da evolução do trabalho e, conseqüentemente, do planejamento realizado; para Marcus Vinícius Freire o dever em relação aos Jogos Olímpicos de Londres foi cumprido (Rodrigues, 2012).

Ressalta-se que o foco atualmente é ficar entre os dez primeiros nos Jogos Olímpicos Rio 2016, conforme metas traçadas pelo Ministério dos Esportes e pelo COB no Plano Brasil Medalhas 2016 (Brasil, 2012, 13 de Setembro) e, para que isso aconteça, não basta somente um investimento maciço, mas um planejamento que deveria ser de longo prazo, como

afirma contraditoriamente Marcus Vinícius Freire ao citar, em reportagem de Kleber e Marcondes (2012, p.3), que “medalha não se compra com dinheiro. É preciso fazer um planejamento em longo prazo”, o que nos remete que os resultados, conseqüentemente, aparecerão no longo prazo, não havendo uma mágica possível para um substancial aumento no total de medalha em apenas quatro anos, mesmo com o lançamento do plano Brasil Medalhas 2016, de caráter eminentemente emergencial (Santos Neto, DaCosta & Silva, 2012).

O Secretário Nacional de Esporte de Alto Rendimento, Ricardo Leyser, afirma em reportagem de Marcondes (2012a, p.11) que “cada vez, há menos histórias de fenômenos que surgem do nada e se transformam em campeões. É preciso investir”. Esse investimento vem sendo praticado de forma consistente, com aumentos substanciais entre os Ciclos Olímpicos. Esse montante saiu de R\$ 280 milhões na preparação para Atenas 2004 para, aproximadamente, R\$ 1,8 bilhão para a preparação de Londres 2012 (Kleber & Marcondes, 2012; Rodrigues & Juppá, 2012), ressaltando que os valores são referentes ao investimento de dinheiro público, não entrando nessa conta o dinheiro de patrocínios advindos de empresas privadas.

As fontes para esse pesado investimento no esporte Olímpico brasileiro são a Lei Agnelo/Piva, recursos próprios do Ministério do Esporte, a Lei de Incentivo ao Esporte e o investimento, através de patrocínios, das empresas estatais, que apoiam 16 modalidades Olímpicas. As estatais e os respectivos esportes são: O Banco do Brasil (vela, vôlei, vôlei de praia e pentatlo moderno); Banco do Brasil e Correios (handebol); BNB (triatlo); BNDES (canoagem e hipismo); Petrobras (boxe e taekwondo); Caixa (atletismo, ciclismo BMX, futebol feminino, ginástica, lutas e tiro esportivo); Correios (natação, águas abertas e tênis); Eletrobras (basquetebol) e, Infraero e Petrobras (judô).

Nesse ponto há uma comparação com o modelo britânico (Marcondes, 2012b; Nogueira, 2012), ao relatar-se o planejamento realizado por eles desde o fracasso em Atlanta 1996, quando o país obteve o seu pior desempenho em Jogos Olímpicos. A nação, então, se mexeu e desenvolveu um planejamento em longo prazo que culminou na terceira posição no quadro de medalhas na edição 2012. Entretanto, esse planejamento foi pautado na construção de instalações esportivas de alto nível, contratação de treinadores e profissionais e o uso da tecnologia como ferramenta auxiliar a preparação dos atletas (Marcondes, 2012b). Para os atletas britânicos, a combinação entre o investimento feito e a infraestrutura disponibilizada foi o que possibilitou o sucesso Olímpico em Londres 2012 (Nogueira, 2012). Aliado aos fatores expostos pelos atletas, estava o planejamento que previa o ápice deles nos Jogos Olímpicos e a eficácia do investimento realizado para o Ciclo Olímpico 2009-2012, quando o investimento ficou na casa dos R\$ 830 milhões (cerca de £ 260 milhões) (Olímpico e Paralímpico), cerca de 45% do que o Brasil investiu no mesmo período apenas para o esporte Olímpico (Rodrigues, 2012; Shibli et al., 2012).

Para exemplificar a necessidade dessa eficácia, Ricardo de Moura, chefe da equipe de natação brasileira em Londres 2012, relatou em reportagem de Kleber and Marcondes (2012) que existe a necessidade de se atrelar o investimento a um planejamento robusto. Nessa discussão entre investimento e planejamento devem-se observar os relatos inerentes

à infraestrutura, citado como um dos pilares do sucesso britânico e, explicitado por Ricardo Leyser e Ricardo de Moura, quando observam a necessidade de melhoria na infraestrutura esportiva, assim como, na promoção de intercâmbio e no uso de pesquisas para fomentar a prática esportiva (Kleber & Marcondes, 2012; Marcondes, 2012b). Nesses termos, tem-se o esporte como um fluxo contínuo desde o primeiro contato da criança com o esporte até que ela esteja madura o suficiente para a conquista de resultados consistentes em competições de nível mundial, não sendo possível, então, o investimento e/ou planejamento focado em apenas quatro anos de sua vida.

Colocar esse atleta no rumo correto demoraria mais tempo do que o acompanhamento correto durante todo o processo de formação de um atleta e, provavelmente, depender uma quantia maior de dinheiro. Outro ponto a ser destacado é a infraestrutura ou, a falta dela, que impede o atleta de conhecer o seu limite, deixando-o sempre um degrau abaixo quando o assunto são competições de nível mundial. De acordo com, um dos pilares que sustenta o sucesso esportivo das nações é o fornecimento de treinamento e desenvolvimento do técnico. O basquete masculino e o handebol feminino são exemplos dessa transformação

E, o último ponto, que é o uso da tecnologia na preparação dos atletas. Nesse tópico, o nosso expoente Olímpico é o judô através do *videoscouting*, demonstrando-nos o potencial existente quando a pesquisa e a prática se unem em prol do esporte, tornando-se um facilitador na adoção do estrategismo, ferramenta que aprimora a tática a ser utilizada pelos atletas, mas que deve ser trabalhada junto aos demais elementos de desenvolvimento do atleta (Mataruna, 2011).

Considerações finais

Após a leitura do material selecionado, concluiu-se que a gestão esportiva Olímpica brasileira estava focada nos resultados a serem obtidos em 2012. Mesmo tendo obtido o melhor resultado em toda a história dos Jogos Olímpicos, questionou-se a relação entre o montante investido e a quantidade de medalhas ganhas. Entretanto, a estrutura que circunda a busca desses resultados voltou-se apenas para esse momento, não demonstrando a robustez requerida para nos tornarmos uma potência Olímpica a longo prazo, fala dos gestores envolvidos com a próxima edição a ser realizada na cidade do Rio de Janeiro em 2016. O exemplo da adoção de se trabalhar um *mix* de esportes para obtenção de resultados em 4 anos, requer um investimento financeiro maior em um universo de atletas menor, pois o investimento é direcionado para aqueles atletas com possibilidade real de conquista de medalhas, de acordo com os prognósticos realizados por ME, COB e Confederações. Os autores observaram que o desenvolvimento esportivo não é o foco principal, mas os louros conquistados com uma campanha Olímpica de sucesso ao se alcançar os resultados planejados (ficar entre os dez melhores colocados) supera a discussão sobre a vantagem competitiva que seria obtida através de um planejamento voltado ao longo prazo.

Referências

- Bardin, L. (2010). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Marca 70.
- Brasil. (2012, 13 de Setembro). Brasil Medalhas 2016. Power Point apresentado no Palácio do Planalto.
- Cardoso, M. (2000). *Os arquivos das Olimpíadas*. São Paulo: Editora Panda.
- Ceccon, B. (2012). Por top 10 em 2016, COB foca individuais e quer pódio em 13 esportes. *Gazetaesportiva.net*.
- De Bosscher, V., Bingham, J., Shibli, S., van Bottenburg, M., & De Knop, P. (2008). *The global sporting arms race: an international comparative study on Sports Policy factors Leading to International Sporting Success*. Oxford: Meyer & Meyer Sport.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar um projeto de pesquisa* (4 ed. ed.). São Paulo: Atlas.
- Green, M., & Oakley, B. (2001). Elite sport development systems and playing to win: uniformity and diversity in international approaches. *Leisure Studies*, 20(4), 247-267. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/02614360110103598>
- Grix, J., & Carmichael, F. (2012). Why do governments invest in elite sport? A polemic. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 4(1), 73-90.
- Hong, F. (2008). China. In B. Houlihan & M. Green (Eds.), *Comparative Elite Sports Development: systems, structures and public policy* (pp. 26-52). Oxford: Butterworth-Heinemann.
- Hong, F., Wu, P., & Xiong, H. (2008). Beijing ambitions: an analysis of the Chinese elite sports system and its Olympic strategy for the 2008 Olympic Games. *The international Journal of the History of Sport*, 22(4), 510-529.
- Kleber, L., & Marcondes, G. (2012, 13 de agosto de 2012). Um degrau de quase R\$2 bilhões. *Correio Braziliense*.
- London 2012. (2012). 2012 Olympic medals. Retrieved 01 setembro 2012, from <http://www.london2012.com/country/great-britain/medals.html>
- Marcondes, G. (2012a, August 6, 2012). Brasil tem um longo caminho pela frente. *Correio Braziliense*.
- Marcondes, G. (2012b, August 06, 2012). O exemplo britânico. *Correio Braziliense*.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2010). *Fundamentos da metodologia científica* (7 ed. ed.). São Paulo: Atlas.
- Mataruna, L. (2011). O que é video-scouting? *Blog do Estrategismo*. Publicado em 17 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.cbj.com.br/blogs/estrategismo/26/o-que-e-video-scouting.html>
- Nogueira, C. (2012, August 13, 2012). Sucesso britânico não é só loteria. *O Globo*.
- Ohata, E., & Rangel, S. (2012). COB mira esportes individuais para ter mais pódios no Rio. *Folha de São Paulo*.
- Rodrigues, J. L. (2012, 13 agosto 2012). Dever de casa ainda está por fazer. *O Globo*.
- Rodrigues, J. L., & Juppá, F. (2012, 12 de agosto de 2012). Medalhas cada vez mais caras. *O Globo*.
- Santos Neto, S. C., DaCosta, L. P., & Silva, C. H. V. (2012). Rio 2016 e o Plano Brasil Medalhas: seremos uma potência Olímpica? *Podium: Sport, Leisure and Tourism Review*, 1(1), 64-82.
- Secchi, L. (2010). *Políticas públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos*. São Paulo: Cengage Learning.
- Shibli, S., & Bingham, J. (2008). A forecast of the performance of China in the Beijing Olympic Games 2008 and the underlying performance management issues. *Managing Leisure*, 13(3-4), 272-292. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/13606710802200977>
- Shibli, S., Gratton, C., & Bingham, J. (2012). A forecast of the performance of Great Britain and Northern Ireland in the London 2012 Olympic Games. *Managing Leisure*, 17(2-3), 274-290. doi: 10.1080/13606719.2012.674399
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2001). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação* (3. ed. rev. atual. ed.). Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC.

Recebido em: 15 fev 2014

Aceito em: 30 set 2014

Endereço para correspondência:

Silvestre Cirilo Santos Neto

silvestrecirilo@yahoo.com.br



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/)